

10/07/2019

## O trabalho da enfermagem e o direito humano do outro

**Lucrecia Bobbit Filgueiras**

[Enfermeira. Professora]

Mais um dia. As pernas inchadas e doloridas para o alto, procurando um pedacinho macio do braço do sofá. Meu uniforme sujo por microgotas de muitas cores e diversas origens biológicas me olha através da bolsa. Preciso higienizá-lo, assim como os meus sapatos. Os ouvidos ainda ouvem um bip-bip.

Tenho fome e sono. Um forte sentimento de ter sido ausente no cuidado e atenção daqueles que de mim dependiam naqueles momentos passados me perturba. Não é a completa certeza de que fui ausente que me perturba. Não dei conta. Não consigo.

Fico frustrada. Mas acabou a jornada.

Voltarei em alguns dias, e nesses, me recupero para de novo sentir o que agora sinto. Trabalho na enfermagem em um hospital.

Cuido de "doentes". Dizem que os que estão do lado de dentro de nossas paredes nosocomiais e não são profissionais em atividade laboral naquele momento estão/são doentes/pacientes. Eu os vejo semanalmente há quase 3 décadas. Tão diversos... Alguns tão virtuosos nos momentos de dor que me envergonho de reclamar da enxaqueca. Outros contam sua história no olhar que ignora o mundo exterior que já o feriu e muito.

Tem os que cantam boleros, marchinhas de carnaval, hinos de times de futebol ou religiosos, músicas contemporâneas ou letras que só fazem sentido para eles. Essas são as que mais gosto. Porque falam deles, de nós e do momento muito mais do que qualquer outra composição. É nessa hora que mais me entendo com eles...

Nosso trabalho faz esse eixo entre o saber e a técnica e o inlapidado do humano. Vemos a dor da doença patológica, a dor da doença da alma, do abandono, da desesperança...

Vemos os restos que os corpos expõem...

Mas também somos nós que vemos os primeiros e singelos sinais da recuperação e da alegria de viver de cada um. Somos o eixo. Estamos no meio. Não apenas ouvimos e escrevemos.

Temos que tocar as pessoas por força do ofício. Olhamos nos olhos, explicamos, seguramos com firmeza ou força. Precisamos cumprir as ordens. Aplicar, fazer, administrar, limpar, virar, levantar, sentar, furar (às vezes furar de novo), conferir, escrever, prestar contas...

No entorno, ambiente com falhas estruturais, materiais imprescindíveis ao trabalho em falta ou com defeito, pressão das famílias, pressão da chefia e o que mais nos dói... O quase sempre presente trato tirano dos médicos conosco.

Esse trato "quase" sempre presente reflete bem a sociedade elitista e opressora desse país. Que acredita na meritocracia branca de classe média.

Não precisamos aqui divagar muito em argumentos sociológicos. Olhe para a enfermagem, veja quantos de nós somos negros e pardos. A maioria, né?

Precisa dizer mais...?

O cotidiano do trabalho na pedreira, na mineração, no agronegócio, na metalúrgica, no call-center, no comércio são a pura expressão do sofrimento dos trabalhadores. E no hospital, o cotidiano da enfermagem é a pura expressão do sofrimento dos trabalhadores, com uma pequena diferença: o cuidado com o sofrimento do outro. Sofrimento duplo, pois bem. A opressão no trabalho, do qual nos alertou [Simone Weil](#), sofrida pela enfermagem no hospital não vem só da gerência, da capatazia, da chefia...

Ela vem também da distinção de classe e da tirania do corporativismo dos médicos.

Mas vem, principalmente, da opressão da escassez de recursos. É duro e grave o que se faz com a saúde no Brasil. Não há direito humano que seja respeitado. Parece que o único direito humano é o do outro - não o outro que precisa do cuidado - mas o OUTRO que está encastelado no Poder Político e decide que país é esse. Para esse OUTRO, o direito humano é sempre garantido.

Olho novamente as minhas pernas que ainda estão inchadas, agora o meu calcanhar dói...

Putz, me distraí escrevendo e esqueci de colocá-lo no lugar mais macio do braço do sofá.

Talvez seja somente isso, estamos esquecendo da gente... ■■■

**Sugestão de leitura:**

WEIL, Simone. *A condição operária e outros escritos sobre a opressão*. Org. por Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*